

A Globalização e a Educação para a Solidariedade

(nota dedicada cordialmente ao querido amigo Pere Villalba, mestre maior de humanismo)

Elían Alabi Lucci
(Editora Saraiva)

Na medida em que a Globalização, ou como querem os franceses Mundialização, passou a apoiar-se cada vez mais em três revoluções que nos remetem neste século XXI à Pós-Modernidade (revolução tecnológica, dos meios de comunicação e dos transportes), o panorama educacional mudou completamente em relação a Sociedade Industrial em que tínhamos vivido até os anos 1990.

Diante desta nova condição de vida da sociedade global, o que muda na escola é a possibilidade do educando ou aprendiz de ser ouvido e não mais de ser o sujeito da fala do professor. Os ambientes de aprendizagem que permitem que os alunos sejam ouvidos devem empregar todos os recursos: os tradicionais como lápis e papel, mas principalmente as tecnologias digitais, para que alunos e professores possam facilitar os acoplamentos estruturais e a formação da rede de aprendizagem, numa sociedade alimentada por fluxos de toda natureza, como diz o pedagogo e sociólogo Manuel Castells, em seu livro *A Sociedade em Redes*.

O que está sendo proposto como uma nova pedagogia pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, não é diferente do que fazemos em nossa vida, do que se dá além dos muros da escola, uma vez que, para viver é preciso estar integrado estruturalmente ao meio. Reforçando esta visão dos dois biólogos sobre uma nova educação, Edgar Morin nos diz que necessitamos de novas bases teóricas e de novas práticas pedagógicas que favoreçam não apenas o desenvolvimento de uma nova consciência planetária, mas também uma revisão conceitual básica a respeito de nossa compreensão sobre o universo, o ser humano e o que significam realmente “progresso” e “desenvolvimento com sustentabilidade” (*La Agonia Planetaria*).

A Globalização, com suas interdependências econômicas, culturais, políticas, sociais e políticas, vem afetando e construindo uma nova realidade, uma nova sociedade, através do intercâmbio de produtos, serviços, tecnologias como também de drogas, desemprego, violência, movimentos migratórios. Entretanto em termos de solidariedade muito pouco é intercambiado. Como diz o Papa Bento XVI, em sua recente encíclica: a Globalização nos fez vizinhos, mas não conseguiu nos tornar irmãos. Vivemos, portanto, num mundo que funciona em rede. Redes de fluxos ou intercâmbios, de cooperação e empréstimos, mas também de desigualdades, intolerâncias e violências.

Esse processo de Globalização, como muito bem coloca David Harvey, é, assim, uma condição de nossa realidade atual. Diz ainda este autor que, querendo ou não, é um processo ou fenômeno, como querem alguns, irreversível e as novas tecnologias, bem como a mobilidade, constituem a sua face mais visível. É impossível retroceder. Somente podemos seguir em frente e tentar reverter as consequências mais pesadas, mais atuantes em nosso meio social e cultural.

Para isso é preciso que saibamos aprender a viver, conviver e a desenvolver uma inteligência coletiva para que possamos sobreviver neste quadro global cada vez mais complexo. A existência de uma sociedade e, enfim, de um mundo em rede apresenta importantes conseqüências para a educação. Influencia as formas de trabalhar em educação, de aprender e de educar, assim como a maneira de preparar o jovem para as novas condições de trabalho na Sociedade Pós-Industrial e para a aprendizagem continuada ao longo da vida. Também se pode dizer da influência no planejamento e na escolha dos conteúdos curriculares, na maneira de organizar as atividades e o funcionamento da escola.

O mais grave e sério problema é saber se os professores em sua maioria, estão capacitados para atuarem neste cenário de um mundo globalizado. Poucos são os que estão preocupados com essas questões ou mesmo conscientes de suas conseqüências mais imediatas. Tanto alunos quanto professores estão sendo confrontados no dia-a-dia das escolas. Cada um deles olha para o outro com grande desconfiança. É o mestre que fica com medo da reação imprevisível do aluno quando é repreendido ou tira nota baixa, pois, na saída da escola ele pode vir a ser agredido, ter seu carro riscado ou quebrado ou até agressões mais graves. Por outro lado, nota-se que o aluno não respeita o professor por senti-lo despreparado e mal remunerado. Se, tristemente, a sociedade não reconhece a importância do professor, por que o aluno deveria valorizá-lo? O Estado e a sociedade também não têm muita clareza sobre as implicações desses problemas a curto, médio e longo prazos. Na realidade, é preciso aprender a viver num mundo de mudança, diversidade e pluralidade, pois como Humanidade nos encontramos – na feliz formulação de Milton Santos – desterritorializados e necessitamos conviver com outras etnias, com diferentes costumes e valores.

O que fazer? Como fazer? Qual o papel da escola e do professor nesta situação nova de perplexidade e mudança? Tudo isto implica em mudança de paradigma e na descoberta e cultivo de uma nova ética, inspiradora de novos valores. O que pressupõe o encontro de novos rumos onde possamos desenvolver concomitantemente talentos para a ciência e para a tecnologia, mas que sejam também talentos para a solidariedade e a paz : mais do que nunca necessitamos de humanismo!

Referências

- Harvey, David *O Novo Imperialismo*. São Paulo, Loyola, 2003
- _____
Espaços de esperança. São Paulo Loyola 2004
- Correia, L. Carlos Margarido *Educar para o Terceiro Milênio – uma missão cósmica*. Lisboa, Diel, 1996
- Bauman, Zigmunt *O mal estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar 1997
- Moraes, M. Cândida *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis, Vozes, 2003
- Kumar, Krishan *Da Sociedade pós Industrial à Pós Moderna*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996
- Santos, Milton *Milton Santos: ou o mundo global do lado de cá* Filme de Sílvia Tendler, 2006
- Alves, Rubem *Entre a ciência e a sapiência – o dilema da Educação* São Paulo, Loyola, 2002

Recebido para publicação em 18-10-09; aceito em 22-11-09